

# ENTRE VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA: A FUNÇÃO POÉTICA E A ESCREVIVÊNCIA EM *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Between violence and resistance: the poetic function and lived experience in Conceição Evaristo's *Olhos d'Água*.

## Maynara Costa Barbosa da Silva

Mestre em Políticas Públicas em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Substituta de Prática de Ensino de Português/Francês na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: maynaracbs@gmail.com

ORCID iD: 0009-0008-3676-7840

## Sergio Luiz Baptista da Silva

Doutor em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês – Universidade de São Paulo. Professor Associado IV do Departamento de Didática da Faculdade de Educação, do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas em Direitos Humanos e Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: serggioluiz@uol.com.br

ORCID iD: 0000-0001-6957-6719

**RESUMO:** Este artigo analisa como a função poética de Jakobson (1973) e a *escrevivência* são utilizadas na obra *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, para ressignificar narrativas de dor e exclusão, transformando-as em resistência e memória coletiva. Por meio da análise dos contos *Maria*, *Quantos filhos Natalina teve?* e *Luamanda*, investigou-se como a autora constrói personagens que refletem a precariedade e a desumanização, enquanto desafiam as estruturas racistas, conforme discutido por Mbembe (2018), Butler (2015) e Carneiro (2011). A pesquisa demonstra que, ao unir lirismo e denúncia, Evaristo reconfigura a literatura afro-brasileira como um espaço de transformação social, evidenciando sua relevância no debate sobre memória e resistência.

**Palavras-chave:** Escrivivência; Função poética; Literatura afro-brasileira; Memória; Resistência.

**ABSTRACT:** This article analyzes how Jakobson's (1973) poetic function and *escrevivência* (a concept coined by Evaristo that blends 'writing' and 'experience' to represent Black women's lived narratives) are utilized in the book *Olhos d'Água* by Conceição Evaristo to reframe narratives of pain and exclusion, transforming them into resistance and collective memory. Through the analysis of the short stories *Maria*, *Quantos filhos Natalina teve?*, and *Luamanda*, this study examines how the author constructs characters that reflect precarity and dehumanization while challenging racist structures, as discussed by Mbembe (2018), Butler (2015), and Carneiro (2011). The research demonstrates that, by combining lyricism and denunciation, Evaristo reconfigures Afro-Brazilian literature as a space for social transformation, highlighting its relevance in the debate on memory and resistance.

**Keywords:** *Escrevivência*; Poetic function; Afro-Brazilian literature; Memory; Resistance.

## 1 Introdução

Quando se pensa em contemporaneidade na literatura brasileira, é comum que se associe imediatamente a autores do Modernismo como Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, entre tanto outros ícones reconhecidos em um movimento dividido por fases. No contexto escolar e no

Ensino Superior, pouco se discute o fato de que há neste Brasil atual diversos escritores talentosos vivos e que realmente refletem o contemporâneo, criando suas trajetórias literárias no presente.

A palavra “contemporâneo” possui múltiplos significados. Para Agambem (2009), tanto obras antigas quanto novas podem ser contemporâneas: “[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (p. 62). Assim, o autor contemporâneo não focaliza apenas a escuridão, mas dentro dela enxerga a luz. É exatamente isso que Conceição Evaristo realiza no livro *Olhos d'água* (2014). Em um mundo cruel, no protagonismo de mulheres negras, não encontra e descreve somente a violência, mas também o conforto e a esperança, mesmo diante de finais infelizes.

Sua escrita, densamente poética e metafórica, resgata histórias muitas vezes esquecidas e as transforma em resistência. Sua importância está calcada na exploração do contemporâneo descrito em seus contos com profundidade, saindo do ideal de um Brasil romântico e inspirado nos ideais literários europeus – marca já conhecida após o movimento modernista.

O primeiro contato com a escrita de Conceição Evaristo ocorreu em uma disciplina optativa de literatura contemporânea, cursada por um dos autores. Posteriormente, tivemos a oportunidade de conhecê-la pessoalmente e ouvir suas histórias de resistência durante uma aula em que a autora atuava como monitora e o autor como professor de Didática e Prática de Ensino de Português e Francês. Durante sua visita, relatou que havia sido aluna do nosso curso – Letras – Português e Francês. No entanto, mudou de habilitação devido às

dificuldades e pelo fato de o francês carregar o estigma de língua da elite.

Sendo assim, este trabalho pretende além de analisar brevemente o livro *Olhos d'Água* (2014), de Conceição Evaristo, propor uma discussão relacionada a linguagem não-realista do livro e seu impacto social, evidenciando como a função poética (Jakobson, 1973) contribui para a construção de narrativas de resistência e ressignificação da violência.

## 2 A linguagem poética e a escrevivência em Conceição Evaristo

A literatura de Conceição Evaristo é pouco estudada nas universidades, se comparada a outros autores contemporâneos. É uma literatura marginal, no sentido de estar à margem<sup>1</sup>. Em suas narrativas, surgem personagens também marginalizados, vítimas da exclusão social e da violência urbana (Azevedo e Melo, 2017). Vale ressaltar que são personagens negros.

Nesse contexto, emerge a importância de não somente pensarmos na presença feminina na literatura do país, mas também no feminismo negro, que visa “[...] divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm pensando em resistências e reexistências” (Ribeiro, 2017, p. 14). Reconhecer a literatura de mulheres negras significa romper com o silenciamento do passado e legitimar a voz de uma grande parcela da população brasileira.

Para dar voz aos seus personagens, Conceição Evaristo utiliza uma visão que foi transformada em conceito-guia – embora não fosse a intenção da autora – chamado escrevivência:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: ‘a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos’. (Evaristo, 2020, p. 30).

Além de conferir protagonismo à comunidade negra – diversas vezes esquecida ou estereotipada na literatura – de acordo com Evaristo, a escrevivência não segue um ponto de vista narcisista, por contemplar um coletivo, ou seja, a escrita de nós (Evaristo, 2020). Convém destacar, como mencionado acima, que seus livros abordam a construção do feminino, representando uma resistência literária e social na sociedade brasileira. Em *Olhos d'Água* – livro escolhido para ser estudado na disciplina – a escrita de Conceição Evaristo desconstrói padrões eurocêntricos e coloca as experiências de mulheres negras como protagonistas na literatura.

---

<sup>1</sup> O fato da autora conhecer sua obra somente no final da graduação, e em uma disciplina não obrigatória, reforça esta problemática.

Nesse sentido, já que a voz da escrevivência é representada através do “ato de escrita”, pode-se perceber que a linguagem desempenha um papel central na construção narrativa. Conceição Evaristo a utiliza para potencializar sua mensagem. Assim, compreender as funções da linguagem é essencial para decifrar sua escrita, que vai além da simples descrição da realidade e alcança níveis profundos de emoção e simbolismo.

Nas escolas, ainda que o autor não seja diretamente mencionado, aprende-se seis elementos presentes na comunicação – emissor, receptor, referente, canal, código e contexto – e seis funções da linguagem – referencial, emotiva, conativa, fática, metalinguística e poética (Jakobson, 1973). Estes elementos e funções, são vastamente explorados no meio científico, nas aulas de português e até mesmo em questões de concursos públicos. Através do modelo de comunicação de Jakobson, é possível compreender não somente como a comunicação acontece, mas também como se apresentam nas narrativas literárias.

A escrevivência de Conceição Evaristo pode ser analisada por meio desse modelo, dada sua correspondência com a função poética, pois seu foco está na mensagem, ou seja, na forma estética e na maneira como organiza as palavras para dar espaço a vozes esquecidas. Embora receba este nome, Jakobson (1973) apontou que: “Qualquer tentativa de reduzir a esfera da função poética à poesia ou de confinar a poesia à função poética seria uma simplificação excessiva e enganadora” (p. 135). Ou seja, a função poética não se restringe ao gênero poético, podendo ser predominante também em narrativas em prosa. Barthes (1987) reforça essa ideia ao afirmar que “o prazer do texto seria irreduzível a seu funcionamento gramatical, como o prazer do

corpo é irreduzível à necessidade fisiológica” (p. 24). Dessa forma, a linguagem de Conceição Evaristo transcende seu papel funcional e transporta o leitor para uma experiência estética que comove e engaja, ressignificando o sofrimento e a violência presentes em suas narrativas.

Ademais, tanto a função poética quanto a escrevivência refletem o poder transformador da linguagem em ressignificar histórias. Nas palavras da própria autora: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30). Por meio de escolhas linguísticas precisas e carregadas de simbolismo, Conceição Evaristo provoca um grande impacto em nossas emoções, ao evocar a herança histórica do Brasil como um país escravagista. Dessa forma, o leitor é levado a reagir de maneira reflexiva à mensagem, cuja intensidade é amplificada pela predominância da função poética.

### **3 Violência e resistência: uma análise dos contos de *Olhos d'Água***

Dentro de seus contos, observa-se que a violência é ao simultaneamente física e simbólica (Wittig *apud* Azevedo e Melo, 2017). Todavia, a abordagem de Conceição Evaristo sobre tais violências causa impacto no leitor: até dentro do pavoroso e absurdo, há uma certa beleza e um leve fundo de esperança. Os contos *Maria, Quantos filhos Natalina teve?* e *Luamanda* foram selecionados devido à diversidade nas abordagens da violência e à forte representatividade dos temas recorrentes na obra da autora.

### Quadro 1 - Resumo dos contos escolhidos

Conto	Personagem Principal	Resumo da Situação	Tema Central
<i>Maria</i>	Maria	Espancada e morta após ser acusada de envolvimento em um assalto	Violência física e marginalização
<i>Quantos filhos Natalina teve?</i>	Natalina	Perdeu três filhos e decidiu criar o quarto, fruto de um estupro	Violência reprodutiva e resistência
<i>Luamanda</i>	Luamanda	Jovem negra cuja vida é marcada pela exclusão e busca por identidade	Desumanização e busca por pertencimento

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O conto *Maria* é um dos mais impactantes da coletânea. Enquanto a protagonista homônima ao título é espancada pelos passageiros de um ônibus sob a acusação de envolvimento em um assalto, a autora finaliza o conto com um tom que transcende a violência: “Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho” (Evaristo, 2014, p. 42). A brutalidade com que Maria é espancada e morta reflete uma agressão não apenas física, mas também simbólica, enraizada no racismo estrutural. Essa exclusão extrema pode ser entendida à luz do conceito de necropolítica, de Mbembe (2018), que analisa o racismo como uma tecnologia de controle destinada a permitir o exercício do biopoder<sup>2</sup>. Segundo o autor, “na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para aceitabilidade do fazer morrer” (Mbembe, 2018, p. 18). No caso de Maria, a naturalização dessa violência evidencia como a sociedade marginaliza corpos negros e, ao mesmo tempo, os exclui do direito ao luto e à dignidade.

Ainda assim, o desfecho do conto não se limita ao ato de crueldade. Os detalhes inicialmente pesados se apagam com a constatação de que a maior tragédia não estava na morte em si, mas na impossibilidade de se comunicar com seus filhos. O lirismo de Conceição Evaristo atenua a brutalidade da cena. Expressões simbólicas – tais como “um buraco no peito (p. 42)” e “facas a laser que cortam até a vida (p. 44),” desviam o foco da atenção da violência – presente em frases como: “passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria (p. 44)” ou “O corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado (p. 44)”. Através da função poética, o leitor atento entende que o aspecto mais relevante é a mensagem transmitida.

Desse modo, a violência existente é deixada em segundo plano, dando espaço para a resignificação da morte. A mulher negra – marcada pela marginalização –, mesmo após seu falecimento, teve sua experiência de violência convertida em resistência e memória.

No conto *Quantos filhos Natalina teve?*, encontramos outra dimensão de violência sofrida pela mulher negra. Desta vez, a

<sup>2</sup> Conceito estruturado a partir de Foucault (1997)

protagonista é reduzida a um corpo reprodutivo. Natalina teve quatro filhos e todos foram retirados sistematicamente dela. O primeiro foi dado a uma enfermeira no momento do parto. O segundo ao ex-parceiro Tonho e o terceiro aos patrões da casa onde trabalhava. Natalina decide ficar com o quarto filho. Entretanto, o que nos estarrece é o fato desse filho ser fruto de um estupro. Essa decisão choca o leitor, que espera ter como resultado a tristeza e a não aceitação da criança.

Entretanto, na cena da violência – na qual ela descreve simbolicamente “A semente invasora daquele homem (p. 52)” –, os olhos da protagonista são vendados. A cena, muito forte, tem as expectativas subvertidas, pois logo em seguida surge a surpreendente felicidade de Natalina por finalmente ter um filho que lhe pertence integralmente. A função poética permeia o conto ao transformar o sofrimento em um espaço de redenção, ao descrever a criança como “*um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte*” (p. 53), transcendendo a violência reprodutiva e reafirmando a força da sobrevivência.

Percebe-se que tais expressões ressignificam a violência sofrida por Natalina. Seu próprio nome é extremamente simbólico, por fazer referência ao Natal, data que representa união em família, devido a celebração cristã do nascimento de Jesus Cristo. Além disso, se o Natal simboliza nascimento e família, Natalina personifica a ruptura dessa idealização, expondo a violência reprodutiva que desumaniza mulheres negras. A linguagem poética transformou cenas brutais novamente em resistência e memória. As expressões e partes mais duras do conto expõem a realidade de mulheres negras oprimidas, mas elas não apagam a escrevivência – ou seja, a voz – das mulheres negras.

Já no conto *Luamanda*, nome que vem de: “Lua, Luamanda, companheira, mulher” (Evaristo, 2014, p. 59) temos outro nome com uma grande carga simbólica. A protagonista do conto experimentou tanto prazeres como dores na vida. O seu primeiro encontro sexual foi doloroso. Mesmo assim, Conceição Evaristo descreve o ato utilizando palavras que amenizam a dor da situação.

Um dia, aos trezes anos, a cama do gozo foi arrumada em pleno terreno baldio. A lua espiava no céu denunciando com a sua luz um corpo confuso de uma quase menina, de uma quase mulher. **Corpo-coração espetado por um falo**, também estreante. Um menino que se fazia homem ali, a inaugurar em Luamanda o primeiro jorro, fora de suas próprias masturbantes mãos. E ambos se lambuzavam festivamente um no corpo do outro. Luamanda chorando de prazer: **O gozo-dor entre as suas pernas lacrimévaginava** no falo intumescido do macho menino, em sua primeira vez no corpo de uma mulher. O amor é terremoto? (Evaristo, 2014, p. 60) [grifo meu].

A cena da iniciação sexual de Luamanda, transcende o físico ao empregar a palavra “falo” – termo que remete à psicanálise, onde Freud (1996) o associa ao desejo e à falta, e Lacan (1998) ao significante do poder. Contudo, a autora subverte essa simbologia: o “falo intumescido” não é instrumento de dominação, mas parte de um corpo inexperiente, o “macho menino”, cuja fragilidade dilui hierarquias. A dor e o prazer, fundidos no neologismo “lacrimévaginava”, desafiam a linguagem normativa, expondo uma ambiguidade que a psicanálise tradicional não contempla. A cena, envolta em lirismo, torna-se ritual místico, onde o corpo feminino negro ressignifica conceitos falocêntricos, transformando a violência implícita em narrativa de resistência.

Ao contrário desse império cinematográfico da ação, o conto de Conceição Evaristo, mesmo sem abrir mão de cenas pungentes e de grande impacto, envolve-as numa linguagem marcada por tonalidades poéticas, em que há lugar para o sentimento e para a humanidade, tanto das vítimas quanto de seus carrascos. (Duarte, 2015, p. 135).

As personagens Maria, Natalina e Luamanda são representações do que Carneiro (2011) chama de “não-ser”, resultado da normalização da desumanização e a subalternização dos corpos negros – diversas vezes não evidente para olhares menos atentos. Em ambos os contos de Conceição Evaristo, encontramos as estratégias excludentes da sociedade, experienciadas na violência sofridas pelas personagens. Por isso, a criação de narrativas ressignificadas torna-se fundamental para reconfigurar as experiências negras (Carneiro, 2011). Evaristo cumpre este papel ao utilizar a função poética para construir memórias diferenciadas que vão além de uma forma de denúncia da exclusão: ela humaniza suas vivências por meio da escrita.

Conforme Butler (2015), a precariedade da vida implica que certas vidas, devido ao enquadramento normativo, não são reconhecidas como passíveis de luto, sendo consideradas indignas de proteção. Nas narrativas de Conceição Evaristo, isso é demonstrado pelas violências sofridas pelas personagens Maria, Natalina e Luamanda (**Quadro 1**), cujas existências refletem essa desumanização normativa que regula quem merece viver ou ser lembrado.

Por fim, o que distingue a escrita de Evaristo é o equilíbrio entre lirismo e crítica social, e “[...] a vontade ou o projeto explícito de retratar a realidade atual da sociedade brasileira, frequentemente pelos pontos de vista

marginais ou periféricos” (Schøllhammer, 2009, p. 53). De acordo com o autor, não se trata de um realismo mimético que busca a verossimilhança e sim da criação de uma relação entre a literatura e a arte com a realidade cultural e social. Não é o realismo da escrita, e sim o realismo “engajado”. Essa proposta é intensificada pelo que Barthes (1987) define como o prazer do texto, que “vem da cultura, mas que se abre para outras possibilidades, desafiando convenções e evocando emoções intensas” (p. 21). Dessa forma, Evaristo não somente denuncia as violências do passado e do presente, mas convida o leitor a experimentar as dores e resistências narradas por meio de uma linguagem que equilibra crítica e poesia.

#### 4 Considerações finais

A literatura demonstra as desigualdades sociais que marcam profundamente o Brasil. Autores como Conceição Evaristo, denunciam as mazelas nacionais em forma de contos, inserindo em seus escritos uma população fora do contexto burguês.

Os contos *Maria, Quantos filhos Natalina teve? e Luamanda* nos permitem compreender a diversidade das formas de exclusão que afetam a população negra, ao mesmo tempo em que transformam a dor em memória e identidade. O presente artigo buscou estabelecer uma relação entre literatura e realidade social, contribuindo para a reflexão sobre o impacto da escrita de Evaristo na reconstrução de narrativas historicamente silenciadas. O uso da função poética de Jakobson (1973), atenua a brutalidade da violência sem apagá-la, permitindo ao leitor sentir e refletir sobre a

realidade de suas personagens em contraste com as exclusões apontadas por Mbembe (2018), Carneiro (2011) e Butler (2015).

A função poética em *Olhos d'Água* não se limita a elementos isolados, mas estrutura toda a narrativa de Evaristo. Além das imagens líquidas (“lágrimas”, “lacrimevaginava”), que simbolizam a fluidez entre dor e resistência, a autora utiliza metáforas disruptivas (“facas a laser que cortam até a vida”), neologismos (“escrevivência”) e nomes carregados de simbolismo (“Luamanda”, “Natalina”). Esses recursos amplificam a denúncia social ao transformar a linguagem em experiência sensível, convidando o leitor a sentir a ambiguidade dos corpos marginalizados. Assim, a função poética não é um adorno, mas o cerne da estratégia literária de Evaristo para subverter narrativas de violência e construir memórias coletivas.

Os contos analisados neste artigo revelam de forma contundente como os conceitos de Judith Butler, Achille Mbembe e Sueli Carneiro se manifestam na literatura de Conceição Evaristo. Em *Maria*, por exemplo, a necropolítica descrita por Mbembe (2018) se evidencia na brutalidade da violência sofrida pela protagonista, cuja morte reflete o controle racial que regula quem é digno de viver ou morrer. Já em *Quantos filhos Natalina teve?*, a precariedade discutida por Butler (2015) está presente na maternidade roubada de Natalina, uma violência que recai sobre os corpos femininos negros. Por outro lado, *Luamanda* explora a busca por identidade em meio à exclusão, remetendo ao conceito de “não-ser” de Carneiro (2011), onde a ressignificação das vivências negras transforma dor em resistência. A literatura de Evaristo, ao conectar essas vivências com uma função poética, não apenas expõe essas condições, mas convida o leitor a refletir sobre as

estruturas de poder que sustentam essas exclusões.

A obra *Olhos d'Água* de Conceição Evaristo se enraíza em um rico cenário da literatura afro-brasileira, que historicamente buscou resgatar vozes marginalizadas e denunciar as desigualdades sociais no Brasil. Autores como Carolina Maria de Jesus e Lima Barreto também dedicaram suas narrativas a retratar a exclusão de populações negras e periféricas, criando um registro literário que evidencia as dinâmicas de poder e exclusão que atravessam o país. No entanto, o que diferencia Evaristo é sua habilidade em articular essa denúncia por meio de uma linguagem poética que transforma dor em memória e resistência, aproximando o leitor das experiências das personagens. Sua obra dialoga diretamente com questões sociais contemporâneas, destacando como a literatura pode ser um instrumento não apenas de representação, mas também de luta e transformação social.

A autora possui uma “voz autoral afrodescendente” (Duarte, 2011, p. 385). Esta voz se relaciona de alguma forma com a sua luta. Está presente em sua identidade. Sua escrita nos emociona porque embora carregue a violência, traz também a força e a poesia da negritude, que transforma escravidão e marginalidade em resistência.

Sendo assim, *Olhos d'Água* possui grande relevância na literatura afro-brasileira, ao vocalizar as mulheres negras outrora silenciadas através da escrevivência, conceito que assume o papel de uma estratégia literária capaz de romper com a tradição eurocêntrica. Esse neologismo cunhado por Conceição Evaristo transforma o não-ser em ser, na medida em que ele finalmente possui memória. Os corpos negros deixam de ter o luto negado pelo racismo estrutural, uma vez que o leitor

experimenta um luto simbólico. A necropolítica, regulada como dispositivo de morte, é denunciada. Uma denúncia que começa pela autora, mas que nos alcança, cumprindo o seu papel de realismo engajado (Schøllhammer, 2009).

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AZEVEDO, Natanael Duarte; MELO, Iran Ferreira de. A construção do feminino em *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo: uma análise de performances pós-identitárias de gênero. **Revista Línguas & Letras**, Paraná, v. 18, n. 40, 2017.

Disponível: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/17144> Acessado em 10/05/2019.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARNEIRO, Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser. In: SILVA, L. (Org.). **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DUARTE, Eduardo de A. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Minas Gerais: UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de A. Rubem Fonseca e Conceição Evaristo: olhares distintos sobre a violência. **Revista Pontos de Interrogação**, Bahia, v. 5, n. 2, jul./dez. 2015, p. 131-140.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2014.

Disponível: <https://revistas.uneb.br/index.php/p>

ontosdeint/article/view/2170. Acessado em 14/05/2019.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 27-46.

FOUCAULT, Michel. **Il faut défendre la société : Cours au Collège de France (1975-1976)**. Paris: Gallimard/Seuil, 1997.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX, p. 199-208.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1973.

LACAN, Jacques. A significação do falo. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 692-703.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.